

# cultural



REVISTA DA  
**APM**

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Janeiro/Fevereiro 2007 – Nº 177

## Saber Ser e Saber Fazer

**Benedicto Ferri de Barros**

Cultura é uma coisa, sabedoria, outra. A cultura depende do tempo e do lugar; a sabedoria pode estar em qualquer lugar e tempo. Cultura é informação; sabedoria, formação. A primeira pode ser adquirida por qualquer um; a segunda parece ser dada a muito poucos.

De um modo geral, parece que o mundo oriental produziu mais homens sábios do que o ocidental. Porque o Oriente se voltou mais para o modo de ser, enquanto o Ocidente se dedicou mais ao como fazer. E uma vez que ser é mais importante do que saber fazer, mesmo do ponto de vista operacional hoje vemos com que rapidez povos orientais dominam as mais avançadas tecnologias desenvolvidas pelos homens do Ocidente. Um tempo houve, até o que se denomina, na História da Civilização, Tempos Modernos, iniciados com o Renascimento, em que os chineses se consideravam mais avançados tecnologicamente do que os europeus. Conheciam a pólvora e haviam inventado o macarrão... Nos 500 anos seguintes, os povos ocidentais passaram à sua frente, tomando, com o método e os processos da ciência experimental, uma dianteira que praticamente só em nossos dias vem sendo alcançada pelos orientais.

As colocações sumárias, genéricas e conceituais feitas anteriormente talvez ganhem mais clareza e vida com alguns exemplos factuais de como se formava a mente e o comportamento do homem oriental. Lembro-me de três casos paradigmáticos, que cito de memória, mas não literalmente.

Um discípulo faz a Buda uma pergunta irrespondível. Buda, em resposta, estende-lhe uma rosa. O discípulo a apanha. Ambos sorriem. Que significa esse episódio? Que somos capazes de fazer quaisquer perguntas, mas algumas estão além da nossa capacidade de responder; que somos

assim e, como uma rosa, é suficiente que assim sejamos. Ambos concordam. (O que, entre parêntesis, conforma-se à conclusão de Kant, um dos maiores filósofos ocidentais, quanto aos limites acessíveis à razão humana.)

Outro exemplo está nos *Analectos* de Confúcio. Um discípulo afirma ter concluído que a regra moral suprema é que ele não fará a outros o que não quer que lhe façam. Confúcio sorri e lhe diz: “Ah! ainda não chegaste tão longe!”. O discípulo enunciava, 500 anos a.C., o que se chama de “a regra de ouro”, a qual Cristo formulará de forma excelsa ao dizer: “Ama teu próximo como a ti mesmo.” Como no exemplo anterior, é o que Kant chamará de “imperativo categórico” – a suma ética –, a regra suprema para a convivência humana.

Termino mencionando um encontro buscado por Confúcio com Lao-Tsé, o patriarca do taoísmo – o verdadeiro caminho. Confúcio quer saber o que achavam e recomendavam seus predecessores. Lao-Tsé se zanga e lhe diz: “esses homens morreram, são poeira. Quando chegar sua hora, você saberá o que fazer. O caminho verdadeiro é aquele que o homem constrói se auto-educando”. Ao fim da vida, Lao-Tsé afastou-se dos homens. Sumiu. Ninguém sabe onde ele morreu.

Devo terminar, como os orientais, com pontos de... – ninguém tira das coisas nem de si próprio senão o que nelas e em si próprio põe...

**Benedicto Ferri de Barros**  
da Academia Paulista de Letras

# Médicos – Momentos e Fatos (ou vice-versa)

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

... e o cemitério da alma acorda de repente. Sonhos mortos...  
despertam e palpitam, cadáveres de sonhos.

Olavo Bilac

Não é incomum sermos surpreendidos por lembranças de um passado aparentemente esquecido, mas que, num dado momento, emergem como provindas do fundo abismal da alma. Elas têm muito a ver com a saudade, sentimento todo especial que nos dá uma sensação suave de conforto espiritual. Daí torno a rememorar fatos relacionados a outros colegas que, de uma maneira ou de outra, influíram na minha experiência de vida.

O eminente médico local não presenciou os últimos momentos de meu avô, por certo convencido da impossibi-

lidade de salvar o doente que acompanhara durante sete meses, com inexcusável desvelo, conforme contava minha avó Argentina (outubro de 1927). Aliás, situações similares ocorrem na clínica de todos os tempos!

Décadas depois.

— “Desta maneira este moço nunca saberá examinar os pacientes”, exclamou Aldo Bruno De Finis, um dos mais respeitados clínicos da Santa Casa, reclamando do meu preceptor porque, repetidas vezes, mandara-me proceder provas de Katch Kalk. Foi o suficiente, mudei de norte.

— “Você vai para o Hospital das Clínicas (HC)?”, perguntei. Foi a primeira carona que consegui de José Ramos Junior, enérgico professor de Propedêutica, nos primórdios do seu magnífico curso prático. Com ele comecei verdadeiramente a aprender a examinar como desejara o consciencioso De Finis.

— “Boa-noite”, nos desejou Enéas Carvalho de Aguiar ao abrir a porta naquele sábado, já tarde da noite, para constatar se estávamos realmente estudando – era procedimento típico do nosso grande superintendente ao notar alguma luz em sala do HC, conquanto devesse estar apagada. Suponho que ele se impunha tal rotina comumente após o *footing* dos fins de semana. De fato, não era raro nos cruzarmos em ruas da velha cinelândia, quando havia ocasião de cumprimentá-lo com sincero apreço.

— “Professor”, implorara um dos meus colegas, “deixe-me sair porque preciso ir ao aeroporto buscar minha noiva”. “Não permito”, respondeu José Gallucci. “Se ela quer se casar com um médico, precisa aprender a não contar com o marido desde já.”

Ninguém conseguiria dar aulas de Neurologia iguais às ministradas por Oswaldo de Freitas Julião – procedimentos semiológicos, exame físico, interpretação dos achados e o ra-



ciocínio fisiopatológico demonstravam precisão matemática. Tudo era dito com fluência e tranqüilidade incomuns.

Convicção de ensinar bem pode ser a única ambição do verdadeiro mestre – desiderato de dois dos maiores pneumologistas: Marco Antonio Nogueira Cardoso e Radyr Queiróz, seu epígono. Em ambos, a ausência de vaidade se assemelhava à modéstia descrita sobre a vida dos santos. Assim, mesmo sem vínculo institucional, cada um, em sua época, foi verdadeiro *professor honorário*.

Com a xilogravura de um bonde superlotado, com passageiros dependurados, Horst Haebisch presenteou-me lá pelos anos 1950. Cientista da fisiologia respiratória, foi ele o montador do primeiro laboratório de exploração funcional dos pulmões da segunda Clínica Médica, HC. Além da especialidade que dominava, era bom em desenho, pintura, trabalhos manuais e literatura germânica antiga. Mais ainda, sabia ser amigo.

Com óbvia apreensão, dirigi-me a uma conferência com Jairo Ramos, vulto exponencial da classe. Tudo ocorreu bem, mas, ao fim, alguém disse: “dê-lhe tanto [uma quantia ridícula]”, apontando-me com a cabeça. “Não”, retruquei. “Os senhores me devem honorários iguais aos do professor Ramos”. “Muito bem, menino”, falou alto o professor. “Esta gente precisa aprender...”

Dois fatos e duas decisões para não esquecer: o Diretor da nossa Faculdade (USP) leu o ofício, refletiu algo irresoluto e disse-me: “então assino; se o Décourt quer, quem vai contrariá-lo?”. Por outra, Flávio Pires de Camargo, Diretor do Instituto de Ortopedia, nem chegou a ler uma petição que eu acabava de lhe entregar, imediatamente subscreveu-a, dizendo-me: “o que você escreve e assina eu não preciso ler!”

Obstetra de renome, Motaury Moreira Porto parecia ter orgulho em contar o fato de ter sido meu aluno. Mais importante, além de boníssimo colega, tornou-se o especialista que atendeu ao nascimento de três dos meus netos. Semelhantemente, Hildebrando Tocchio, também antigo aluno, foi um companheiro dos bons e maus momentos. Foram duas excelentes amizades que desejaria manter para sempre e o destino não permitiu.

Desde os primeiros tempos, a confiança depositada em mim por Luiz Leopoldo Pedalini, otorrinolaringologista, Coriolano Pompeu Eliezer, oftalmologista, e Mario Andreucci, ortopedista, no mínimo, constituiu-se num estímulo muito dignificante. A recíproca foi verdadeira: todos eles nos atenderam com a melhor das competências. Até hoje nos fazem falta.

“Ao prezado colega Serro Azul, com afetuosos abraços do Alípio, 13/V/983”. Autografado no livro *Notas de um expedicionário médico*, a) Alípio Corrêa Netto, marcou indelevelmente o nosso último encontro.

— “Somente assim você viria a minha casa”, saudou-me Euricydes de Jesus Zerbini com afabilidade própria dos simples. Entretanto, eu estava constrangido por acompanhar familiares de um doente muito chegado a mim. É para se aprender e tentar imitar esse tipo de relacionamento tão cordial – uma constância na maneira de ser do líder da cirurgia do coração.

Convidados de Hans Bender, professor da Universidade de Münster, entrávamo-nos em uma cantina repleta de eufóricos estudantes – súbito o silêncio: respeitosamente, eles se levantaram. Bender fez-lhes um sinal de expansão dos moços prosseguiu até a nossa saída, quando todos se ergueram novamente! Anos depois, numa carta emotiva, Marie Bender confessou ter-lhe faltado coragem, até então, de noticiar a morte do marido, ocorrida dois anos antes. Recordo-me da nossa última despedida: ela nos abraçou – marejavam-lhe lágrimas dos olhos.

Peter Pozsonyi, imigrado húngaro, voluntário, assistia o nosso ambulatório com capacidade única. Era de causar inveja a sua devoção com os pacientes, particularmente aqueles mais necessitados. Quem se lembra dele?

Hesitação pode ocorrer nos piores momentos; todavia, “a omissão é um pecado que se faz não fazendo”, segundo o padre Antônio Vieira. Ademais, o relato sobre os últimos dias de meu avô, ora subconsciente, parecia ter vindo à tona. Assim, decidi visitar um amigo meu e bom compadre, que perecia. “Um beijo para você e sua mulher, um beijo para sua mãe e um beijo para os seus filhos”, foram as últimas palavras que dele ouvi e mais senti.

### Dualismo

Por todos eles não chego a sentir uma saudade melancólica. Sinto uma saudade diferente: vejo os seus semblantes e até parece estarmos conversando... Não penso em suas mortes, penso em suas vidas e sinto o bem que elas proporcionaram. Aí certa alegria invade o meu espírito... Mas logo a tristeza me abate: todos tiveram os seus sonhos... E agora, onde estão eles?



# Quatro gemas preciosas da medicina paulista

Guido Arturo Palomba

## Pedro Salomão José Kassab

Descendente das velhas cepas árabes, das terras de Unhammad e Avenzoar, formou-se em Medicina em 1953, pela Universidade de São Paulo, e logo se manifestou o virtuosismo de uma vida que seria coroada pelas glórias que merecem os homens que se dedicam diuturnamente ao trabalho. E assim conquistou muitos títulos importantes, tais como: membro da Academia de Medicina de São Paulo, membro honorário da Academia de Medicina de Minas Gerais e da Academia Fluminense de Medicina, da Academia Paulista de Educação, do Conselho de Ética do Conar, do Conselho de Economia da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, vice-presidente da Fundação Inaciana Padre Sabóia de Medeiros, diretor-geral do Liceu Pasteur, membro do Conselho Federal de Medicina, do Conselho Nacional de Saúde, presidente da Associação Médica Brasileira (1969-1981), presidente da Associação Médica Mundial (1976-1977).

Não é só, há muito mais: recebeu do Governo brasileiro o título de Oficial da Ordem Nacional do Mérito Militar e de Cavaleiro da Ordem Nacional do Mérito Médico. É também Comendador da Ordem de Estrela do Acre, Cidadão Honorário do Ceará, do Estado do Rio de Janeiro e de Alagoas. É Cidadão Campista, Cataguasense, Carangolense, Paraense de Minas, Granadense, e de tantas e tantas outras cidades que reconheceram os seus grandes méritos, concedendo-lhe o que tinham de melhor, para mostrar gratidão aos serviços prestados. E é com esse mesmo espírito que a Associação Paulista de Medicina homenageia o ilustre médico Pedro Salomão José Kassab, em reconhecimento aos seus trabalhos.

## Marcelo Marcondes Machado

Formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, turma de 1958, fez residência em Clínica Médica no Hospital das Clínicas, doutorando-se em 1961, com pós-doutoramento nos Estados Unidos. De volta ao Brasil, obteve a livre-docência pela Faculdade

de Medicina da Universidade de São Paulo, depois, professor adjunto e professor titular de Clínica Médica. Foi diretor da Faculdade de Medicina, de 1994 a 1998, e, com grande destaque, tornou-se Professor Emérito da Casa de Arnaldo. Entre as suas multifárias atividades, registram-se a publicação de cerca de 100 trabalhos científicos, três livros-textos, além da implantação da pós-graduação em Nefrologia, avaliada no grau de excelência. Orientou doutores, livre-docentes, fez muito pela Medicina, pelos seus alunos, pela nossa pátria.

Professor Marcelo Marcondes Machado, receba as homenagens da Associação Paulista de Medicina pelo grande exemplo que o senhor é para nós e para todos.

## Henrique Levy e Mauricio Levy

São dois irmãos, dois médicos, os decanos da Psiquiatria paulista. As vidas de ambos são tão ricas e fecundas que o ideal seria publicá-las em livro, para que outros pudessem vir e estudá-las como se estudam as biografias dos mestres importantes; e nós aqui, limitadíssimos pelo tempo, teremos que ficar atidos a apenas dizer que estamos diante de dois sagrados mestres da Medicina. Formados pela Escola Paulista de Medicina, em cuja faculdade foram professores de Psiquiatria, ambos humanistas, dotados de grande erudição, criaram a renomada Sociedade de Rorschach, conhecedores profundos de Schneider, Krafft-Ebing, Bumke, Bleuler, Kraepelin, Kretschmer, Freud, Jung, Melanie Klein.

Queridos amigos Henrique e Mauricio, os senhores têm, por merecimento, os vossos nomes inscritos na galeria dos mais altos valores da Psiquiatria bandeirante, ao lado de Mario Yan, Osório Taumaturgo Cesar, Francisco Franco da Rocha, Antonio Carlos Pacheco e Silva, André Teixeira Lima, João Carvalhal Ribas, Darcy de Mendonça Uchoa, Átila Ferreira Vaz, Ain Grispum.

Os irmãos Levy são originários da velha guarda do Manicômio Judiciário de São Paulo, cujos laudos que escreveram, lidos a distância de várias décadas, guardam

os paradigmas da boa anamnese, do conhecimento profundo da psicopatologia, da precisão diagnóstica, da linguagem escurrita, da adequada articulação médico-jurídica, verdadeiras lições de Medicina.

Maurício e Henrique são dotados de inteligência privilegiada. Exímios enxadristas, capacidade atávica herdada de Henrique Levy, homônimo, pai de ambos, um dos maiores enxadristas brasileiros de todos os tempos, a ombrear-se aos magos hispânicos Rui Lopez e Raul Capablanca e ao russo Tartakov.

Aos dois ilustres irmãos as homenagens da Associação Paulista de Medicina.

*Excertos da saudação em homenagem aos médicos realizada pela Associação Paulista de Medicina no último Dia do Médico.*

**Guido Arturo Palomba**  
é médico

## Analogias em Medicina (n.13)

*Arquipélago crânio-vertebral* – Arquipélago é um conjunto mais ou menos numeroso de ilhas de vários tamanhos, dispostas em grupos, em determinado ponto do oceano, às vezes enfileiradas. O notocórdio (notocorda) é um cordão fibrocelular axial do embrião, em torno do qual os primórdios vertebrais se desenvolvem. Vestígios do notocórdio persistem no adulto, como o núcleo pulposo dos discos intervertebrais.

O cordoma – tumor incomum, de crescimento lento e de malignidade local na maioria dos casos – pode originar-se do *arquipélago* de remanescentes do notocórdio, os quais se estendem ao longo da coluna vertebral, desde a região rostral da sela turca até a extremidade caudal do sacro. Foi descrito pela primeira vez pelo patologista alemão Virchow, em 1857, com a denominação *echordosis phisaliphora*. Estudos em microscopia óptica, bem como imunoistoquímicos e ultraestruturais, demonstram aspectos comuns entre o tumor e os restos notocordais. Outras investigações indicam a sua origem também de restos cordais ectópicos. Aproximadamente 50% dos cordomas ocorrem na área sacrococcígea, 35% na região eseno-occipital e o restante ao longo da coluna cérvico-tóraco-lombar.

*Coluna em bambu* – A espondilite anquilosante (EA) é uma doença inflamatória de causa desconhecida que afeta principalmente o esqueleto axial, sobretudo as articulações sacro-ilíacas e vertebrais, embora possa apresentar manifestações músculo-esqueléticas generalizadas, mais comum no homem que na mulher e que se inicia geralmente na segunda ou terceira década.

As articulações da coluna vertebral sofrem inflamação e fibrose e, com o progredir do processo, há destruição

das bordas dos corpos vertebrais e ossificação metaplásica e endocondral dos discos, gerando anquilose. A calcificação e ossificação metaplásica, com o tempo, atingem os ligamentos para-vertebrais e dão origem à formação de pontes ósseas, denominadas sindesmófitos. O quadro final é uma coluna rígida, com fusão dos corpos vertebrais e dos ligamentos, lembrando o caule cilíndrico e inflexível do bambu com os respectivos nós e entrenós a intervalos regulares (inglês, *bamboo spine*). O aspecto radiológico é característico. Felizmente, ocorre numa minoria de pessoas e requer, em média, dez anos para se desenvolver.

A primeira análise da EA parece ter sido a do médico irlandês Bernard Connor, o qual, em 1691, publicou um livro descrevendo “esqueleto obtido em cemitério de igreja ou ossário”, em que os ossos estavam “tão intimamente unidos, com seus ligamentos primorosamente ossificados e suas articulações tão apagadas, que pareciam ser formados por uma só peça óssea contínua” (Resnick, D. *Diagnosis of bone and joint disorders*. 3. ed. 1995, Saunders).

Há também os pêlos em bambu (inglês, *bamboo hairs*), em que ocorre intussuscepção da haste do pêlo na zona do início da queratinização, com formação de nodosidades e invaginações. Esse tipo de tricose faz parte da rara síndrome de Netherton: eritrodermia ictisiosiforme congênita associada a anomalias dos pêlos do couro cabeludo.

**José de Souza Andrade Filho**  
Professor de Anatomia Patológica da  
Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

# Custo/benefício (Conto médico-policial)

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak

Antigamente, havia a noção de que saúde não tem preço e a idéia de que sistemas públicos pagos pelos impostos de todos deveriam dar os recursos diagnósticos e terapêuticos aos necessitados. Em princípio uma condição generosa para colocar o segmento “saúde” fora do capitalismo selvagem que assola o mundo, e mais ou menos como poderíamos esperar pela perversidade da condição humana, uma das muitas intenções que não deram certo, mortas com o fim do socialismo estatal. Saúde pode ser inteiramente pública, mas nunca vai ter o amparo suficiente para atender todo o mundo. Não adianta a nossa Constituição dispor que ter acesso a auxílios médicos é um direito do cidadão – isso, que fica lindo no papel, tem muito pouco a ver com a realidade. O grande perigo nessas contas de custo/benefício é criar duas Medicinas.

Há boas escolas que formam excelentes especialistas – muitos dos quais se aperfeiçoam no exterior – fazendo que tenhamos no Brasil médicos tão bons quanto os de qualquer país desenvolvido; os médicos formados nessas escolas estão ancorados em excelentes hospitais, os quais dispõem de todos os meios essenciais, devidamente avaliados, além de serem credenciados pelas mais exigentes entidades. Contrastando com isso, há escolas muito ruins, que formam clínicos gerais segundo o modelo cubano, por sua vez inspirado no russo, o *feldsher*. Surge, então, um cidadão que pode ser definido como prático em Medicina, porque médico ele não é – sabe pouco, resolve menos ainda e apenas dá a impressão de que atende o paciente. Ele é bom para diminuir filas e amenizar as pressões dos dirigentes, mas dê um “casinho” mais complicado para um desses senhores ou senhoras, formados aqui, em Cuba ou na Bolívia e veja o que acontece.

Para tornar a situação mais complicada, nesses nossos “Brasis”, há algumas situações nas quais o custo é público, mas o benefício é privado ou privatizado. Além do escândalo das ambulâncias, quantos outros não existem nos porões e gavetas de nossos Ministérios e Secretarias da Saúde? Setores controladores (por vezes, inúteis órgãos inventados pela burocracia brasileira, pois só analisam os casos anos depois dos fatos acontecidos e consideram que remédio é que nem prego, seguindo as bizantinas normas de licitações, provavelmente implementadas por Don Diniz, sem terem sido modificadas) não previnem

os mais descarados roubos, são ótimos para achar pena em ovo em processos absolutamente normais e, portanto, sujeitos a idas e voltas – os que não têm nenhum problema são, em princípio, seriamente suspeitos. Também pululam no Brasil fundações de apoio que são excelentes para determinados doutores, mas não tão benéficas para muitos e para a própria instituição que apóiam.

Esses pensamentos todos passavam pela cabeça do nosso doutor quando refletia sobre as peripécias que já tinha enfrentado na vida, inclusive passando em cargos administrativos – e se arrependimento matasse, ele não estaria mais conosco. Claro que nem tudo eram lembranças ruins, e, quando foi pensar em custo/benefício, o doutor lembrou-se de um episódio curioso, que mostra a sabedoria do professor Adib Jatene. Este disse que o problema do pobre não é ser pobre; o problema é que todos os amigos dele também o são, e ele não conhece ninguém importante. Se conhecer, a coisa muda de figura.

Foi aquela vez em que o doutor era Secretário da Saúde e recebeu ofício proveniente de uma pequena Comarca de São Paulo, informando que ele deveria fornecer credence a um paciente com doença de Gaucher. Credence é um forte candidato ao título de medicamento mais caro – são 500.000 dólares por semestre para tratar de um único doente. Isso ocorreu em novembro, quando o orçamento estava estourado, já tinha sido suplementado e estourou de novo – de onde tirar o dinheiro para pagar esse negócio? Se fosse produto de laboratório nacional, não teria problema: fazia-se um empenho, que é uma promessa de pagamento, e, algum dia, quando desse, se desse, o governo pagaria. Os laboratórios, para não “entrarem pelo cano”, têm dois preços: um para “gente normal” e outro para o governo, dez vezes mais caro, o que tende a compensar esse tipo de “gracinha”. Como o produto é feito por um laboratório norte-americano, o único pagamento aceito, vindo de países subdesenvolvidos (ou em desenvolvimento, se o rótulo ficar menos desagradável), é em moeda sonante do país – deles. Ou seja, dólares, e à vista. Se o governo sugerisse a algum contabilista norte-americano que gostaria de pagar com um empenho, levaria o cidadão a um acesso de riso.

O doutor não viu como atender. Decidiu utilizar o “método brasílico” de resolver problemas insolúveis: colocou o ofício na gaveta e o esqueceu por lá.

Depois, o doutor ponderou, com seus assessores, que com esta verba poderia imunizar grande número de crianças com vacinas de rotina e que, apesar de entender o problema do paciente, visto que o remédio é o único eficiente para a doença de Gaucher (outra alternativa é o transplante de medula, com muito mais risco), a famosa relação custo/benefício para a população não permitiria optar pelo fornecimento da ceredase. “Sinto muito, mas não dá” – e esse problema é confrontado diariamente pelos nossos gestores do sistema de saúde.

O doutor complicou-se porque, nesse caso, não se caracterizou o paradoxo de Jatene. O doente não era pobre – ao contrário, provavelmente era filho de um “importantão”. Nada impede, nesse tipo de processo, a compressão de benesses. Deve prevalecer a consciência.

Seis meses depois apareceu um oficial de justiça com intimação para que o doutor (e não o Estado, de quem ele era funcionário) providenciasse a compra do remédio em 24 horas, sob pena de ser considerado desobediente à determinação recebida. O doutor não se abalou. Amigo do Governador e tendo assessoria competente, achou que a ameaça era vã. Não era não. O doutor entendeu-se com os colaboradores, que lhe explicaram que decisão de tal natureza não podia ser discutida. Se não providenciasse a compra, iria “em cana” e, pior, iria para a cadeia da Comarca, só sendo solto quando ocorresse a aquisição, o que deve ser muito complicado dentro de uma cela sem telefone.

O doutor não acreditou. Ligou para o Governador e conseguiu falar com o ilustre prócer:

– Governador, será que isso é assim mesmo?

– Professor, parece maluquice, mas desde que enfiaram na Constituição de 1988 esta coisa de que saúde é dever do Estado, é sim. Vou tentar arrumar uma grana a mais para sua Secretaria e torçamos para que mais influentes não tenham filhos com esse problema.

Então o doutor entendeu melhor sistema de saúde deste país. Quem for vivo, tiver amigos e souber se virar consegue os benefícios; os outros pagam o custo...

**Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak**  
Médicos e professores universitários

## Nosso irmão: o paciente

Doutor, VEJA com atenção  
A qualquer seu paciente,  
Note o corpo e sinta a mente,  
Com doçura e o coração.

Doutor, mesmo o teu olhar  
Pode o doente curar,  
Já que está na tua mão  
Assistir esse irmão.

Ele é, sim, um irmão,  
Mesmo negro, mesmo branco,  
Que anseia atenção,  
Com afeto sempre franco...

Da socrática maiêutica,  
Fez-se a nossa propedêutica,  
Escutando seus lamentos,  
E até mesmo pensamentos...

Queira bem a esse irmão,  
No labor da PALPAÇÃO,  
Perscrutando com rigor  
O local de alguma dor.

Depois vem a PERCUSSÃO,  
Manuseio de teus dedos,  
Afastando quaisquer medos,  
Causadores da aflição.

O pulmão e o coração  
Requerem uma boa AUSCULTA,  
Pois aí está o senão,  
Que motivou a consulta.

Dê-lhe, então, um bom sorriso,  
Com alento bem preciso,  
Pois “você é meu irmão,  
Com toda a minha afeição”.

Tua doença, irmão amigo,  
Vou tratar com muito empenho,  
Franzindo meu sobrecenho,  
Pra acabar o teu castigo.

Então...

Vá pra casa e assim seja...  
E que Deus a ti proteja,  
pois grato o doutor ficou  
Se de ti a dor tirou...

**Fábio Guimarães Lobo**  
Médico do HCFMUSP



# A esfera no espaço

José Altino Machado

A esfera girava, girava e girava, solta, radiosa e feliz, no espaço dourado sem fim, ou negro e pontado de luzinhas prateadas, tremeluzentes, tremelicosas.

No giro constante, contínuo e confiante, com outras partilha-va o silêncio, a calma, a eternidade. Tempo não havia, apenas o sempre; sem limite o espaço, tão-só o infinito.

Azul verdejante, envolta em vapores brancos quais flocos de algodão ou cristais de neve, assim a avistavam à distância maior; à menor, era gélida e branca no topo e na base, e amarela e tórrida no centro. Mais de perto, viam-se manchas líquidas esmeralda-turquesa, matas verde-turmalina e massas arenosas bege-pálido, marrom-castanho e branco salino.

Filetes de rios de águas claras e transparentes, altas montanhas, escuras nas faldas e nevadas nos picos, vales profundos sombreados, lagos azuis espelhados, planícies e planaltos sem fim. Ilhas, luz, aurora boreal, arco-íris, chuva estanhada, vento sibilante e musical, nívea neve, frondosas cachoeiras, luminosos vulcões, minerais sem conta, plantas exuberantes e flores perfumadas. Tudo a enriquecia, tornava-a multicolor, caleidoscópica, multifacetado diamante, a despertar admiração e orgulho no universo em possuí-la. Obra-prima, jóia valiosa de quilates mil, a mais perfeita, cartão de visitas do firmamento!

As demais esferas, com ela a girar no vácuo, uma era vermelha em excesso e desagradava; outra, quente de queimar; a terceira, desproporcionalmente grande e gelada; outra, ainda, anelada, empedrada e enrugada. Todas perdiam para ela, vaidosa, consciente da beleza, na medida exata, no ponto certo – a Terra!

\*\*\*

Sinais apareceram aos poucos, recebidos como dádivas, por ela tão dadivosa. Vieram aves povoar os céus, peixes nos mares, lagos e rios, bichos nas matas; ela não se importou, antes se alegrou; eram inócuos, beneficiavam-na ocupando o vazio, significavam som, movimento, vida!

Continuava seus giros incólume, pura e cândida, virando sobre si, a exhibir cantos recônditos, bailando ruidosa no espaço sideral, com o grupo, bailando ao redor do astro rei, rumo ao tudo, ao nada.

De inopino, algo estranho e desconfortável a sacudiu; teve mal-estar e sentiu medo; um ser diferente sobreviera. Tensa, estremeceu, como anteendo tristeza e destruição.

Um animal diferente apareceu de repente, bípede, ereto e estambótico, a emitir ruídos ignorados, dissonantes, dissonoros. Surgira o Homem!

Poucos inicialmente, viviam em pequenos bandos, soltos e inofensivos. Devagar, porém, começaram a revelar capacidade para

o mal, poder de destruição. Gradativamente, a esfera foi sendo molestada pela ação predadora desses vândalos adventícios.

O azul foi tismado, poluído, enegrecido; o verde, cortado, arrancado, devastado. Fendas se abriram; seu corpo foi erodido; matas, derrubadas. Inventaram o fogo para calcinar, destroçar; peixes morreram, aves caíram nos vãos, feras morreram caçadas e abatidas pela fera maior e mais feroz.

Macaco-assassino, ele matava e matava, até o próprio semelhante, pelo tético amor à morte, pelo sádico prazer de matar, pela só vontade de ver morrer. O espaço infinito foi demarcado, tornou-se finito; o tempo eterno, dividido e subdividido. Tudo se complicou.

Criaram-se armas, explosivos, naves voadoras, terrestres e marítimas; foguetes e guerra, para dominar, apresar e trucidar. Perdeu-se a inocência; a calma desapareceu, a candura se esvaiu. O silêncio foi violado, a alegria findou-se.

A esfera permanece girando, movida pela força cósmica, mas agora nervosa, agitada, aos solavancos, soluçando de dor, num espaço atingido, invadido pelo mal – o homem, inimigo da vida, amante da morte!

As demais esferas olham-na receosas de que a doença as alcance; o homem já aborda as mais próximas com suas espaçonaves. Condoem-se da Terra, não há como ajudá-la; nem podem se afastar, estão na mesma trilha, imutável. Solidárias, sofrem ao vê-la chorosa, lutuosa, tantas as mortes, respingada de sangue.

\*\*\*

Há, todavia, remédio para o mal, esperança na desesperança. É o maléfico animal aniquilar-se, exterminar-se mutuamente. Aguardam todos que isso se dê; que o malvado lance, contra si mesmo, seus artefatos letais, solte as bombas atômicas, de cobalto e hidrogênio, os foguetes de ogivas múltiplas, raios da morte, gases venenosos, tudo de que se jacta, mortífera e irresponsavelmente. Que acabe tudo, bombardeie tudo, destrua tudo. Mas desapareça de vez da face da Terra!

Livre do monstro, a esfera recompor-se-á pacientemente, em milênios; milhares e milhares de milênios; convalescerá sem pressa, ficará sã novamente. A beleza voltará, a tranqüilidade renascerá. E a esfera será como antes, magnífica e feliz, risosna, radiante e radiosa, a girar no espaço infinito, musical no deslocamento, a girar, a girar e a girar...

José Altino Machado

da Academia Paulista de Letras

## DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:** Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

**Conselho Cultural:** Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] – Celso Carlos de Campos Guerra

José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

**Cinematca:** Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

**Museu de História da Medicina:** Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

*O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.*